

## O que é, realmente, a “Marca da Besta”?

Raimundo Barreto  
Garanhuns, PE, janeiro de 2025

*“Então vi outra besta que saía da terra, com dois chifres como cordeiro, mas que falava como dragão. Exercia toda a autoridade da primeira besta, em nome dela, e fazia a terra e seus habitantes adorarem a primeira besta, cujo ferimento mortal havia sido curado. E realizava grandes sinais, chegando a fazer descer fogo do céu à terra, à vista dos homens. Por causa dos sinais que lhe foi permitido realizar em nome da primeira besta, ela enganou os habitantes da terra. Ordenou-lhes que fizessem uma imagem em honra da besta que fora ferida pela espada e contudo revivera. Foi-lhe dado poder para dar fôlego à imagem da primeira besta, de modo que ela podia falar e fazer que fossem mortos todos os que se recusassem a adorar a imagem. Também obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém pudesse comprar nem vender, a não ser quem tivesse a marca, que é o nome da besta ou o número do seu nome”. (Apocalipse 13:11-17).*

Muito tem sido ensinado sobre o significado da “marca da Besta”, uma das visões tidas pelo apóstolo João e que foi registrada no livro de Apocalipse. Muitos afirmam que é um chip ou um código de barras. Eles acreditam que a marca mencionada em **Apocalipse, capítulo 13**, refere-se apenas a algo tecnológico ou um chip implantado, mas a Bíblia aponta para algo muito mais profundo. A palavra grega utilizada para marca em **Apocalipse 13** é **charagma** (χάραγμα – G5480 na Concordância de Strong), um termo que era empregado em pelo menos três contextos específicos: como um selo oficial do Império Romano, como uma marca de escravos para identificar propriedade e como um símbolo de lealdade ao Sistema político da época. Isso indica que João estava tratando de uma **submissão a um Sistema anticristão** e não necessariamente de algo puramente físico.

Ao estudar o contexto histórico por trás dessa **marca no Império Romano**, devemos olhar para o século III, especialmente durante o reinado do imperador Décio, por volta do ano 250 d.C., quando vemos a aplicação prática do que João descreveu como a impossibilidade de “**comprar ou vender**”. Décio emitiu um edicto exigindo que todos os cidadãos do império realizassem um sacrifício público aos deuses romanos e à imagem do imperador como prova de **lealdade ao Estado**. Aqueles que cumpriam o ritual recebiam o **libellus** (que em latim significa “pequeno livro” ou certificado), um documento assinado por comissões oficiais que atestava a submissão do indivíduo ao sistema imperial. Sem esse certificado, o cristão era visto como um inimigo da ordem pública, sendo sumariamente excluído das guildas comerciais e dos mercados, o que resultava em uma morte civil antes mesmo da execução física.

O termo grego usado por João, **charagma** (χάραγμα), reforça essa conexão histórica, pois era a mesma palavra utilizada para o **SELO IMPERIAL** em documentos oficiais e para a marca gravada em moedas. No cotidiano romano, a **moeda** não era apenas um meio de troca, mas uma ferramenta de propaganda que carregava a efígie do imperador com títulos divinos (foto acima). Para um cristão fiel, manusear uma moeda que declarava o imperador como “Filho de Deus” e participar de transações que exigiam a queima de incenso era uma afronta direta ao Senhor de Cristo. Assim, a “marca” operava como um divisor de águas: ou o cidadão se submetia à mentalidade do Sistema (testa) e trabalhava conforme suas regras (mão), ou enfrentava o confisco de bens, a prisão e o martírio. Houve até casos de cristãos, conhecidos como **libellatici**, que tentaram comprar esses certificados ilegalmente para evitar a perseguição, o que gerou grandes debates teológicos na Igreja Primitiva sobre a apostasia e o perdão.



Além disso, a Bíblia relaciona o número da besta como sendo **666** e que ele pode ser calculado, o que nos leva à **gematria**, sistema numerológico judaico onde as letras no hebraico possuem valores numéricos. Quando escrevemos o nome **Nero César** em hebraico, a soma resulta exatamente em 666, sugerindo que João poderia estar se referindo ao imperador daquela época e pedindo que seus leitores fizessem esse cálculo.

**Dessa forma, a marca da besta representa uma submissão a um sistema anticristão e não é apenas uma questão de tecnologia, sendo algo que se pode receber sem perceber.** Trata-se, essencialmente, de uma escolha sobre quem você decide servir em sua vida. Enquanto o mundo exerce pressão para que todos se conformem ao seu sistema, Cristo faz um chamado para a fidelidade absoluta, ainda que o custo para o seguidor seja muito alto.



Nero Caesar

ג = 50
נ = 200
ו = 6
ס = 50
ר = 100
ד = 60
נ = 200
<b>666</b>

## As moedas do imperador Nero

As moedas do imperador Nero também são peças fundamentais para entendermos o pano de fundo do Apocalipse, pois elas não eram apenas dinheiro, mas o principal veículo de propaganda e afirmação da divindade do imperador. Nero foi o primeiro a imprimir sua **efígie** de forma tão onipresente, muitas vezes usando a “coroa radiante”, que o identificava diretamente com o **deus Sol**, ou o título de **Soter (Salvador) do mundo**. Para um cristão do primeiro século, ter que manusear diariamente uma moeda que trazia o rosto de um homem que se autoproclamava “Filho de Deus” e “Senhor” era um teste constante de lealdade espiritual. Quando João escreve sobre a impossibilidade de comprar ou vender sem a marca, ele está aludindo a esse sistema econômico que era totalmente saturado



pela idolatria imperial, onde o comércio e a **adoração ao Estado (ou Sistema)** estavam intrinsecamente ligados.

O detalhe mais fascinante para o seu estudo em hebraico e grego é que o nome de Nero nessas moedas e em documentos oficiais, quando transliterado para o hebraico como *Neron Kesar* (נָרָן קָסָר), soma exatamente 666 na gematria. É por isso que João diz que o número é “número de homem”, apontando para uma figura política específica que seus leitores originais conseguiriam identificar sem precisar de teorias conspiratórias tecnológicas. As moedas de Nero, como o denário de prata e o áureo de ouro, carregavam inscrições que exaltavam sua linhagem divina, e participar do mercado usando esses símbolos era, na prática, reconhecer a autoridade suprema daquele sistema sobre a vida e a provisão.

Além da questão do número, o design das moedas de Nero revela muito sobre sua megalomania; ele frequentemente se apresentava tocando lira ou em poses que lembravam divindades gregas, reforçando que ele não era apenas um governante político, mas **o centro de um culto religioso**. Esse é o coração da “Besta”: um poder humano que se diviniza e exige que a economia e a mente das pessoas girem em torno dele.

Essas imagens de moedas romanas do período de Nero ajudam a materializar essa perseguição econômica e espiritual. Elas mostram como o rosto do imperador estava literalmente em todo lugar, tornando a resistência dos cristãos algo que custava caro - o isolamento social e a fome. Por isso entendemos que a mensagem do Apocalipse é muito mais urgente e ética do que meramente futurista, desafiando cada um de nós a pensar se a nossa “moeda” e o nosso trabalho hoje servem ao Reino de Deus ou se estamos apenas alimentando o Sistema da Besta de nossa própria era.

Seguindo o princípio de que “Bíblia se explica com Bíblia”, precisamos voltar para o “manual” de João, que é o Antigo Testamento, especialmente o livro de Deuteronômio. Quando Deus dá o *Shema* em **Deuteronômio 6:8**, Ele ordena que o Seu povo ate as Suas palavras como sinal na mão e as coloque como frontais entre os olhos. Na cultura hebraica, a testa representa a sede da mente, dos pensamentos e das convicções, enquanto a mão representa a força de trabalho, a execução e a prática cotidiana. Ter a Lei de Deus nesses dois lugares significava que tanto a visão de mundo quanto as ações daquele indivíduo eram governadas pela vontade do Altíssimo.

A Besta, portanto, não está inventando nada novo; ela é uma imitadora barata que tenta fazer uma paródia da consagração que pertence a Deus. Quando o **Sistema Mundano**, essa “besta” que João descreve, coloca sua marca na testa ou na mão, ele está reivindicando o domínio sobre o que as pessoas pensam e o que elas fazem. No hebraico bíblico, o termo para sinal ou marca frequentemente aponta para uma **identificação de pertencimento**. Assim, ter a “marca na testa” é ter uma mentalidade moldada pela lógica do Sistema (**Romanos 12:1, 2**), uma mente que já se conformou com os padrões ímpios, com o egoísmo e com a idolatria do poder humano. Já a “marca na mão” é o agir prático em conformidade com essa mentalidade, é o **“fazer o jogo” do Sistema** para obter vantagens ou simplesmente para sobreviver dentro de uma estrutura que nega a soberania de Cristo.

Essa chave de interpretação desconstrói totalmente essa paranoia tecnológica de que a marca seria um chip de silício ou algo puramente físico que alguém poderia receber por acidente. O texto bíblico nos mostra que se trata de uma escolha espiritual e ética muito mais profunda. **É o domínio de uma mentalidade que se reflete em ações ímpias**; se o Sistema controla sua mentalidade (marca na testa) e como você gasta a sua energia e o seu trabalho (mão), você já está operando sob a égide desse Sistema. É por isso que em **Apocalipse 14:9-11** adverte severamente contra a aceitação da marca da besta e em **Apocalipse 14:1-5**, vemos os **144 mil** com o nome do Cordeiro e do Pai escrito em suas testas.

---

*É um contraste direto: ou sua mente é selada pela verdade do Evangelho, ou ela é marcada pela mentira do sistema anticristão.*

---

No final das contas, o “cálculo” que João pede para fazermos não é uma conta matemática para descobrir um vilão de filme, mas um exercício de discernimento espiritual para percebermos onde depositamos nossa lealdade. Se a nossa forma de pensar e agir está atrelada à Palavra de Deus, como o Senhor pediu lá no deserto, estamos protegidos contra essa “marca” invisível, mas real, que tenta escravizar a humanidade. Este entendimento tira o foco do medo do futuro e o coloca na responsabilidade do agora, em como estamos permitindo que o Reino de Deus governe nossa mentalidade e nossos comportamentos hoje mesmo.